



## GÊNESE DO SETOR INDUSTRIAL EM AMPÉRE-PR: ATORES E PROCESSO HISTÓRICO

Bruno Saggiorato  
Mestre em Geografia  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *campus* Francisco Beltrão

**Resumo:** considerando a complexa formação social brasileira, o país apresenta uma heterogeneidade geográfica nada pequena. Desta forma, é necessário entender como os *processos gerais* se articulam, concreta e espacialmente, com *Formações Sócio-Espaciais (FSEs) regionais*, e, a partir disso, identificar que atributos essa combinação gera, quais fenômenos novos emanam dessa relação, desencadeando diferenciações geoeconômicas entre regiões/municípios. Assim, o objetivo do texto é discutir o processo histórico e os atores envolvidos na gênese da industrialização em Ampére, um pequeno município localizado na mesorregião Sudoeste Paranaense. Como aporte teórico e metodológico, visando atingir o objetivo, se fará uso da categoria de Formação Sócio-Espacial (FSE), que foi desenvolvida pelo Geógrafo Milton Santos (1977), além de dados econômicos e industriais e de bibliografias a respeito da temática. Verificou-se que a combinação de incentivos públicos com iniciativas industriais privadas constitui o fator explicativo para o rápido e importante desenvolvimento da manufatura em Ampére e de modo geral na própria mesorregião Sudoeste Paranaense.

Palavras-chave: Industrialização. Pequena produção mercantil. Desenvolvimento regional.



## Introdução

Desde os anos 1990 a indústria brasileira vem perdendo relevância na economia do país e no próprio desenvolvimento, com uma participação atual no Produto Interno Bruto (PIB) em torno de 11%, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Diversos autores, sobretudo da Economia, identificam um processo de desindustrialização no Brasil, como Bresser-Pereira (2016), Cano (2012; 2014), Chang (2018) e Oreiro e Feijó (2010).

Tendemos a concordar com a tese da desindustrialização no Brasil, mas apenas esse cenário nacional camufla as peculiaridades locais, daí ser imprescindível pesquisas de nível regional. No município de Ampére e sua mesorregião, a participação da indústria no PIB gira em torno de 30% atualmente (IBGE, 2018).

Na região Sudoeste Paranaense, os municípios mais industrializados em termos de valor adicionado bruto (VAB) e geração de emprego são, por ordem, Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Ampére. Este último, mesmo com uma população quatro vezes menor que os dois primeiros e duas vezes menor que Dois Vizinhos, atingiu destaque regional e hoje possui um setor industrial mais relevante que outros municípios próximos e de porte populacional semelhante.

Desta maneira, procura-se no artigo debater o processo histórico que forjou essa industrialização, setor hoje chave para o desenvolvimento de Ampére e região. Quando analisamos setorialmente, Ampére deixa apenas de ter destaque regional e passa também a alcançar importância estadual. Em dois segmentos o município aparece entre os dez principais do Paraná na geração de empregos, que são o setor de produção de móveis (6º lugar) e confecções do vestuário (7º lugar) (RAIS, 2019).

### 1. Considerações gerais sobre Ampére-PR

Ampére está inserido na rede urbana<sup>1</sup> de Francisco Beltrão, porém não limita suas relações com esse município, pois o nível de complexidade da atividade produtiva em Ampére o coloca em fluxos dos mais variados, formando uma rede dinâmica de relações financeiras, produtivas, informacionais, etc. Devido a dinâmica industrial e a inserção nas redes, Casaril (2014), com base nas formulações de Fresca (2010) já havia percebido que o correto é

---

<sup>1</sup> Para Corrêa (1989, p. 8), “rede urbana é um conjunto de centros funcionalmente articulados, [...] reflete e reforça as características sociais e econômicas do território, sendo uma dimensão sócio-espacial da sociedade”. Além disso, é necessário “o entendimento do contexto sócio-econômico de sua inserção como eixo norteador de sua caracterização como forma de evitar equívocos e igualar cidades – com populações similares – que em essência são distintas” (FRESCA, 2001, p. 28).



considerar Ampére como uma cidade pequena, não como um centro local, como equivocadamente definiu o estudo das Regiões de Influência das cidades (REGIC) de 2008.

Porém, no REGIC de 2018 o município de Ampére aparece como centro de Zona B.

[...] este subnível soma 251 Cidades, todas classificadas nos níveis 4 e 5 de gestão territorial. São de menor porte populacional que os Centros de Zona A (média inferior a 25 mil habitantes), igualmente mais populosas na Região Norte (35 mil, em média) e menos populosas na Região Sul (onde perfazem 15 mil habitantes). Os Centros de Zona B são mais numerosos na Região Nordeste, onde localizam-se 100 das 251 Cidades nesta classificação (IBGE, 2020, p. 13).

Apesar do REGIC atual não considerar mais Ampére como um centro local, percebemos que nessa hierarquia (centro de zona B) estão incluídos municípios que tem uma dinâmica bastante diferente de Ampére, como Pérola do Oeste, também localizada no Sudoeste Paranaense.

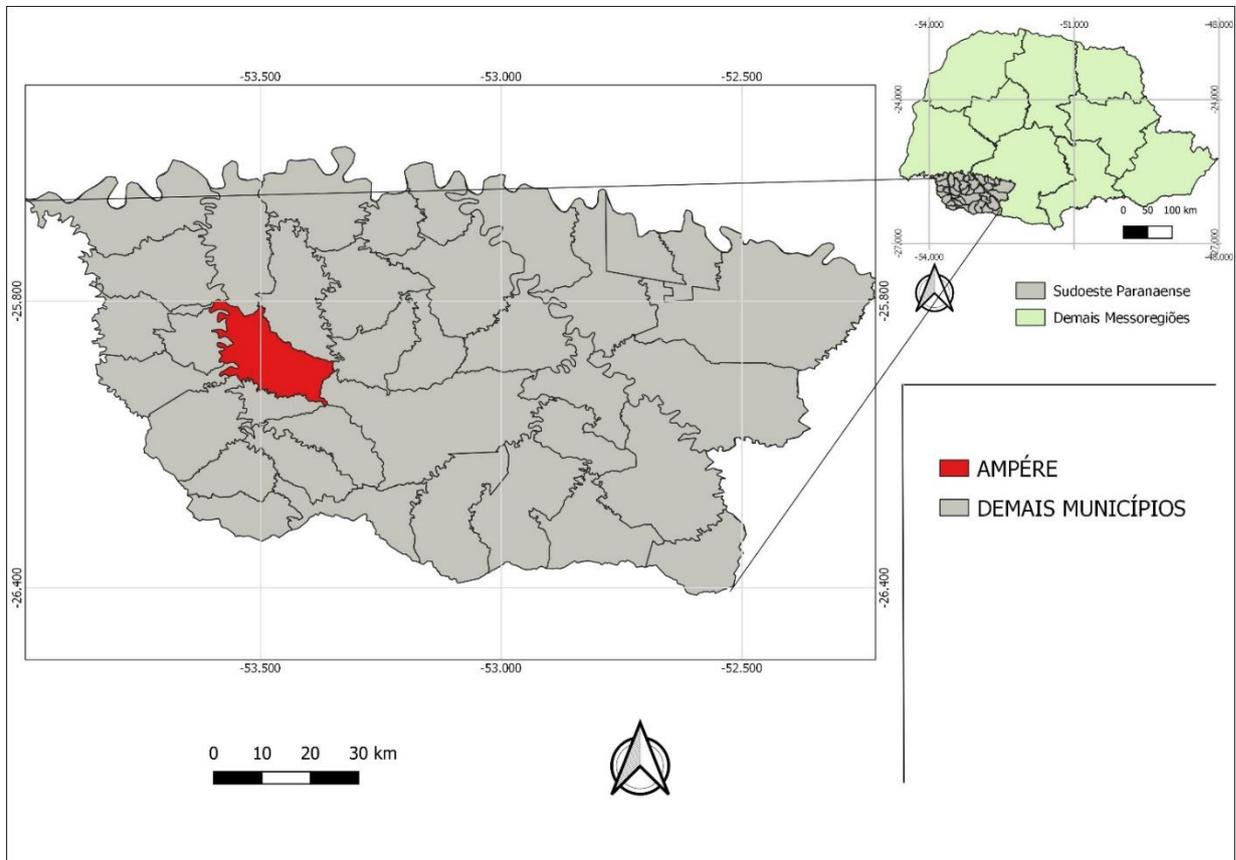
Como já mencionamos, Ampére está localizado na mesorregião Sudoeste do Paraná, região que se desenvolveu rapidamente. Em 1961, Ampére foi elevado ao grau de município e já nos anos subsequentes, as condições concretas para desencadear a gênese do processo de industrialização estavam postas.

A Formação Sócio-Espacial que se desenvolveu no Sudoeste<sup>2</sup> e, por conseguinte, em Ampére, explica seu crescimento rápido e surgimento de estabelecimentos industriais precocemente. A FSE específica da região é resultado de combinações geográficas (CHOLLEY, 1964) e da síntese de múltiplas determinações (MARX, 2008) econômicas, naturais, sociais, políticas, etc. interrelacionadas.

---

<sup>2</sup> Para maior profundidade e riqueza de detalhes sobre a FSE e a ocupação dessa região, ver os estudos de Flores (2009) e Casaril (2017).

Mapa 1: Localização de Ampére



Fonte: IBGE. Org.: SAGGIORATO, 2020.

## 2. Pequena Produção Mercantil e Gênese da industrialização em Ampére-PR

Para Corrêa (1970a, p. 88), os primeiros habitantes<sup>3</sup> da região Sudoeste eram “de origem luso-brasileira, tendo sido genericamente conhecidos como caboclos pela população de colonos que mais tarde ocupou a região”. De acordo com o mesmo autor, a partir de 1940-1945 e principalmente nas duas décadas seguintes, o Sudoeste foi intensamente povoado pelos colonos, na grande maioria gaúchos<sup>4</sup> e catarinenses de ascendência italiana e alemã.

<sup>3</sup> “Assim, o Sudoeste paranaense, desabitado anteriormente ao século XX, seria a partir de 1900 ocupado, ainda que escassamente, por uma população constituída majoritariamente por luso-brasileiros pobres e sem recursos [...] A criação de porcos, valorizada pela presença de frigoríficos mais que a extração de mate, foi o principal fator de atração que o Sudoeste paranaense contou para atrair essa população luso-brasileira, que para lá se deslocou procurando melhorar suas condições de vida” (CORRÊA, 1970a, p. 89).

<sup>4</sup> Segundo dados do IBGE (1970), dos pouco mais de 13 mil habitantes em Ampére, 5.237 declararam-se naturais do Rio Grande do Sul.



Conforme assinalou Mamigonian (1976) ao estudar a industrialização de São Paulo, esse atributo foi relevante, uma vez que

[...] vivendo em seus países de origem, Grã Bretanha, Alemanha, Itália etc. dentro de estruturas econômico-sociais capitalistas plenas ou emergentes, tais imigrantes transplantaram estas mesmas estruturas nas regiões de destino. Os Europeus embarcaram para as referidas regiões com “o capitalismo em seus ossos”, mesmo que não dispusessem de nenhum capital, mas apenas de iniciativa, habilidades especiais e engenhosidade (MAMIGONIAN, 1976, p. 89).

Essa característica migratória também foi marcante no povoamento do Sudoeste. Além disso, tal fluxo de pessoas foi incentivado a partir de medidas tomadas pelo governo federal, especificamente a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), colonizadora criada em 1943 pelo então presidente da república Getúlio Vargas, com vistas a desenvolver regiões interioranas pouco habitadas.

No Sudoeste Paranaense, conforme explicou Flores (2009), a extração da madeira por industriais do ramo que já conheciam a atividade em seus locais de origem foi fundamental para a ocupação efetiva da região, pois estimulou a abertura de estradas<sup>5</sup>, a formação de povoados, prestadores de serviços ligados à atividade e comércios para atender a demandas básicas que surgiam. Desta forma, “[...] a presença de uma serraria foi fator de atração de população, surgindo em decorrência um núcleo cuja função inicial foi a industrial” (CORRÊA, 1970b, p. 127).

Portanto, as densas matas existentes no Sudoeste, nas quais encontrava-se a araucária, foi pertinente para sua ocupação, atraindo indústrias madeireiras. Ademais, a derrubada do pinheiro era desejo tanto destes quanto dos agricultores ou dos caboclos, interessados no valor comercial do produto ou pela necessidade de cultivar a terra (FLORES, 2009; CORRÊA, 1970a).

De acordo com Corrêa (1970b), a origem dos vários centros urbanos na região não ocorreu simultaneamente, por exemplo, a vila que mais tarde se tornaria o município de Pato Branco data de 1924. Igualmente, na maneira como surgiram tais cidades podemos encontrar especificidades entre elas, assim, é relevante esclarecer como seu deu a formação espacial de Ampére, uma vez que é necessário mostrar a especificidade de cada formação, “o que a distingue das outras, e, no interior da F.E.S., a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzindo numa de suas frações” (SANTOS, 1977, p. 2).

---

<sup>5</sup> Pois passou-se a utilizar caminhões para o transporte da madeira, diferentemente de outra atividade presente na região, a extração da erva-mate, que era transportada por mulas (FLORES, 2009).



Assim, em relação à origem dos centros urbanos no Sudoeste, Corrêa (1970b) identifica dois tipos pelos quais se deu tal processo, são eles, i) surgidos espontaneamente ou ii) pela ação de um agente colonizador. Ampère, particularmente, constituiu-se por meio do primeiro modo, a partir das chamadas “bodegas<sup>6</sup>”.

Aqueles surgidos espontaneamente foram inicialmente lugares isolados na mata, que se transformaram em focos de atração da população de colonos, que começava a ocupar a área próxima. Esses focos de atração eram basicamente constituídos por uma ou duas “bodegas”, pertencentes a algum colono, que sozinho embrenhou-se pela mata, ou a um luso-brasileiro. Com a expansão do povoamento nas áreas vizinhas, um colono ou “caboclo”, dono de uma “bodega” e de uma “posse”, loteava e vendia diversas partes aos recém-chegados, outros comerciantes, alfaiates e ferreiros, entre outros, dando origem a um povoado, que em breve receberia uma capela e outros serviços. Posteriormente fazia-se a medição e demarcação da área da futura sede municipal. As atuais cidades de Ampère, Pérola do Oeste e Enéas Marques originaram-se basicamente desse modo, tendo como primeiro foco de vida urbana a “bodega” (CORRÊA, 1970b, p. 127-128).

Também é interessante observar que as pesquisas realizadas no final dos anos 1960 pelo autor citado anteriormente mostram que já nesse período existiam em Ampère comerciantes que revendiam tecidos, confecções, louças, calçados etc., o que indica que já havia uma certa demanda por tais produtos, ou em outros termos, um mercado consumidor estimulado pela colonização recente.

Nesse sentido, a formação social dessa região e também do município de Ampère desenvolveu-se da seguinte maneira:

Enquanto na região de campos se desenvolveu uma formação social marcada pela presença de, basicamente, duas classes, os fazendeiros e os seus “peões”, na região de matas se forjou uma formação social mais diversificada, incluindo pequenos agricultores (e proprietários de terras), pequenos comerciantes, artesãos e até pequenos industriais (especialmente do ramo da madeira) (FLORES, 2009, p. 15).

O mesmo autor citado destaca ainda que em regiões onde preponderam formações sociais com essas características, como em Ampère e sua mesorregião, a industrialização se desenvolve mais rapidamente. Casaril e Sampaio (2016, p. 229) reforçam

Ampère (como sua rede urbana) desenvolveu uma formação social calcada na presença de pequenos proprietários rurais, vinculada a pequenos comércios e artesanato local. O complexo de atividades artesanais foi se

---

<sup>6</sup> “A “bodega”, “bolicho” ou “venda” constitui a menor célula do comércio regional. Instalado em plena zona rural e conhecedor profundo dos hábitos dos colonos e das condições de produção local, pois geralmente possui uma pequena propriedade rural, o bodegueiro é um intermediário de confiança do colono. Para a sua “bodega”, dotada de um pequeno galpão ou depósito, aflui a maior parte da produção de “cereais” e um certo número de suínos da região” (CORRÊA, 1970b, p. 17).



desintegrando do campo “pari passu” e à medida que se avançava essa desintegração, renunciavam novas atividades industriais, sobretudo, a partir dos anos 1970. Ampére despontou nesse período pela força do empresariado local que a partir de empréstimos, poupança familiar, entre outros, investiu no setor produtivo, com destaque para o segmento moveleiro e de confecções.

Neste trecho, consideramos necessário evidenciar dois pontos, primeiro, os autores já apontam os setores que se destacam no município e na região atualmente. Porém, das empresas hoje mais dinâmicas que selecionamos para a pesquisa, apenas uma do setor de confecções e outra do setor de móveis haviam surgido anteriormente à década de 1990.

O segundo fato que queremos destacar, conforme apontado pelos autores, é a desintegração das atividades artesanais no campo e a passagem para atividades tipicamente urbanas, como a indústria. Mesmo que sem aprofundar o tema, acreditamos ser importante enumerar os motivos que desencadearam tal processo na região pesquisada.

Dois fatores principais levaram a população migrar do meio rural para a cidade em Ampére. De acordo com Flores (2009), na região Sudoeste, um dos fatores é explicado pelas condições de vida precárias da população do campo, como moradia, educação, alimentação, entre outras. O segundo motivo trata-se dos estímulos do capital financeiro para a modernização da agricultura (máquinas, fertilizantes etc.) expandindo o financiamento estatal, sobretudo a partir do final dos anos 1970, fator que impulsionou a desintegração do “complexo rural” existente na região.

[...] verificamos que o aumento dos financiamentos estatais, ocorrido principalmente a partir do final dos anos 1970 (como citamos anteriormente), indica que o “complexo rural” começou se desintegrar no Sudoeste paranaense. Esse sistema pré-capitalista de produção começou decompor-se, principalmente porque o grande capital financeiro estimulou a modernização da agricultura. A população da região, especialmente a residente no campo, vivia, em muitos casos, em condições precárias de habitação, de vestuário e inclusive de alimentação. Tal fator parece ter sido importante para que grande parte da população começasse trocar o campo pelas cidades, especialmente a partir dos anos 1970 (FLORES, 2009, pp. 64 e 71).

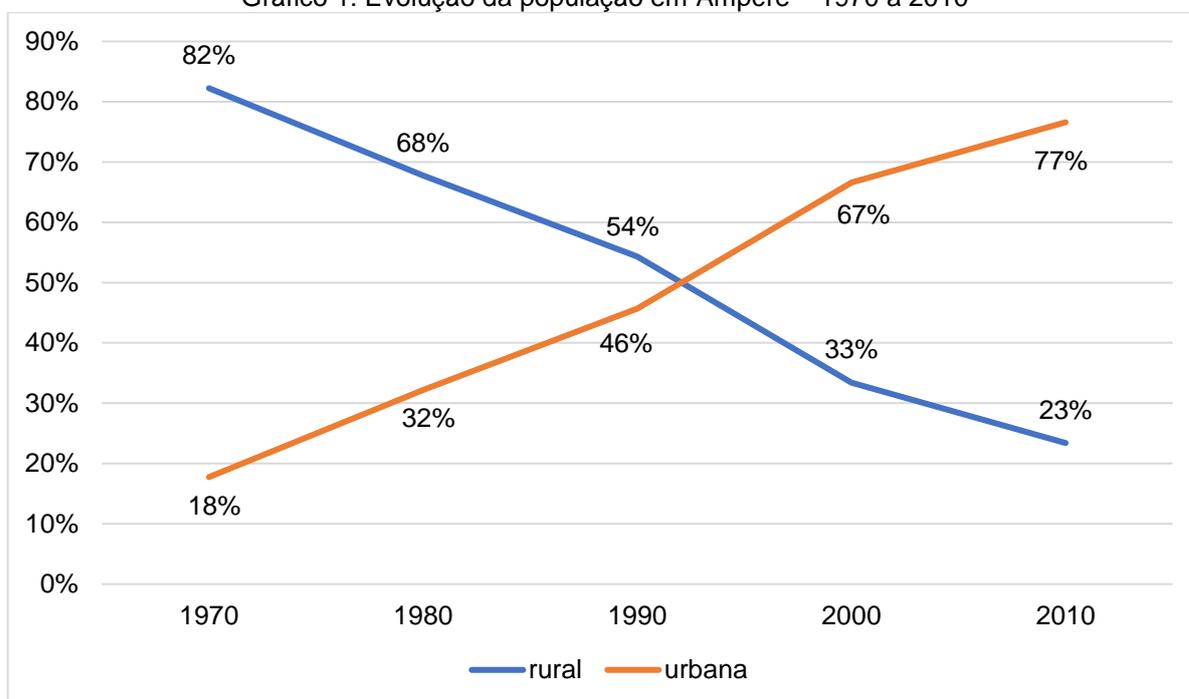
Foi nesse contexto que a população urbana começa a crescer em Ampére, como mostram os dados, suscitando o início do processo de urbanização, que ao mesmo tempo fez surgir novas demandas para a produção industrial e mão de obra para o trabalho nas fábricas.

[...] uma das atividades pioneiras na região deu início a história da indústria do vestuário: os chamados alfaiates, pessoas que fabricavam roupas masculinas sob medida (calças, camisas e paletós) e que nas décadas de 70 e 80, viram na atividade a oportunidade de passar a fabricar o mesmo tipo de produto em escala industrial impulsionados pela demanda de uma região que vivia o boom econômico da introdução da mecanização agrícola. [...] Assim,

nasceram as primeiras unidades industriais na região, caso da pioneira Krindges, de Ampére, uma das 10 maiores do país. (SINVESPAR, 2006, p. 4).

Por conseguinte, a partir do texto exposto, é possível visualizar a importância do papel desempenhado pelo governo no desenvolvimento da região, inicialmente fomentando a ocupação efetiva dessas terras e posteriormente atuando na modernização da agricultura por meio de políticas públicas de crédito, liberando mão de obra para as cidades e impulsionando simultaneamente o processo de industrialização e urbanização.

Gráfico 1: Evolução da população em Ampére – 1970 a 2010



Fonte: IBGE, censos demográficos. Org.: SAGGIORATO, 2020.

O crescimento do setor industrial nesse período não se deu isoladamente em Ampére, mas também na própria região Sudoeste, como assinala Flores (2009, p. 92) a “industrialização no Sudoeste paranaense foi o sol que nasceu depois da tempestade”, pois um bom número de indústrias surgiu em um período econômico nacional conturbado.

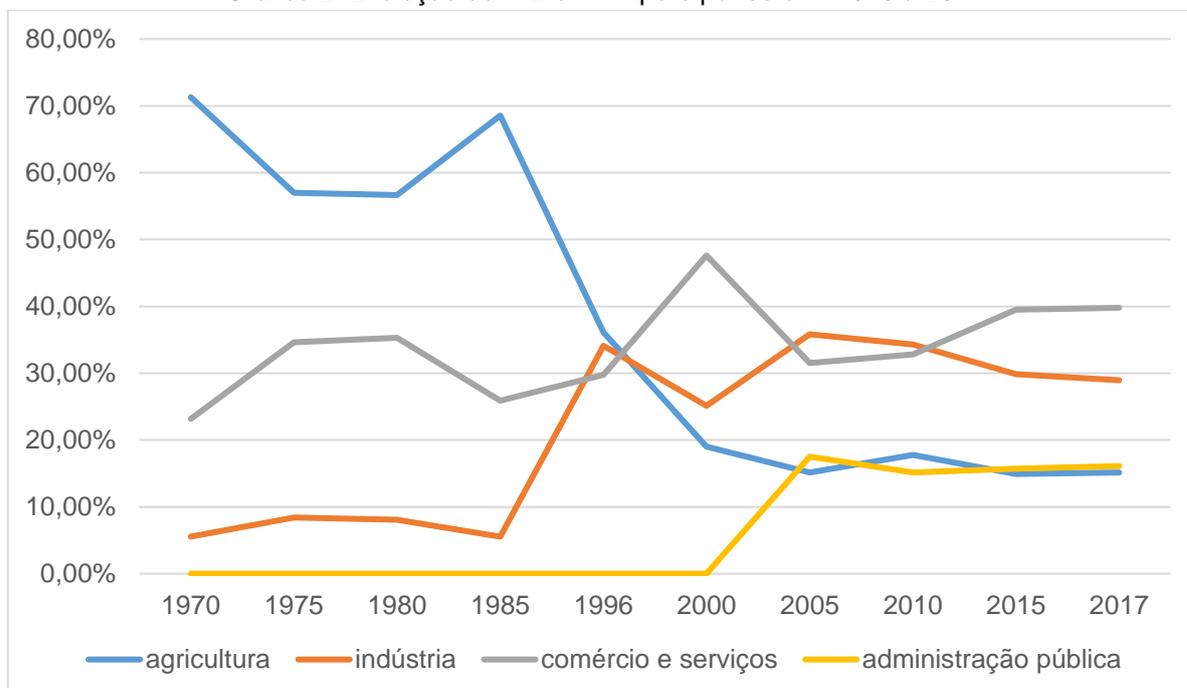
Flores (2009) também aponta alguns condicionantes para essa expansão, dos quais destacamos, por exemplo, a possibilidade de exportar manufaturas para o Mercosul (países próximos ao Sudoeste) e ainda a disponibilidade de mão de obra, importante principalmente para os setores de confecção e mobiliário, pois era relativamente barata, devido aos baixos custos de vida na região (habitação, transporte etc.).

Conforme já destacamos, se é verdade que existe no Brasil um processo de desindustrialização, principalmente nos setores produtivos mais sofisticados, a dinâmica de alguns Estados e municípios não acompanhou rigorosamente o cenário nacional, uma vez que a indústria foi estimulada e fortalecida, como em Ampére.

As empresas começaram como pequenos empreendimentos, como a indústria Krindges, com poucos funcionários e uma pequena produção que atendia o mercado regional, mas que segundo nossas pesquisas, se tornaram uma das maiores empresas de confecções do Estado do Paraná e do país. Esse processo é semelhante ao que ocorreu com os imigrantes paulistas, onde “[...] grande parte dos empresários imigrantes eram inicialmente “capitalistas sem capital” (MAMIGONIAN, 1976, p. 91-92). Outro exemplo desse processo é a empresa GhelPlus Ltda, que surgiu em 1990 e em 3 décadas se consolidou como uma das principais indústrias brasileiras no segmento que atua.

Em 1985, o setor industrial em Ampére era limitado dinamicamente e pouco diversificado. Como na sua região, o segmento que predominava era da madeira, que no município representava pouco mais da metade do total de estabelecimentos e de ocupações na indústria. Dessa forma, a agricultura ainda preponderava no PIB do município, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2: Evolução do PIB em Ampére por setor – 1970 a 2017



Fonte: IBGE; IPEA. Org.: SAGGIORATO, 2020. A partir de 2002 o IBGE passou a incluir a Administração pública na contagem do PIB municipal.



Visualizando a evolução do PIB desde os anos 1970 até 2017, portanto, um intervalo de mais de meio século, é explícito o processo de refuncionalização ou transformação produtiva que ocorreu no município nesse período. Inversamente proporcional ao que ocorreu no campo nacional, em Ampére a indústria ganhou relevo a partir de 1990.

Além disso, verificamos que até a última década do século passado a indústria em Ampére não se diferenciava da de outros municípios de porte semelhante, é a partir desse período que começam a se desenvolver um setor de móveis e um setor de confecções em crescimento considerável, alçando destaque regional e estadual como polos produtivos dos ramos citados.

A administração municipal, embora tenha incentivado as indústrias via legislação em 1990, já na década anterior, no mandato de Izair Antônio Favretto PMDB – 1983 a 1988), havia uma preocupação nesse sentido, em virtude da crise nacional que repercutiu também em Ampére. Em entrevista o prefeito citado relata que

[...] percebeu-se que um grande número de famílias que antes possuíam a sua propriedade no campo e que agora residiam na área urbana, já não tinham mais como viver e, como eram pessoas sem qualificação, somente lhes restou a possibilidade de trabalharem no campo como boias-frias. Essa situação era semelhante em quase todo o Sudoeste do Paraná, e passou a preocupar aos prefeitos da época, que buscavam através da Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná (AMSOP) e outras entidades de classe, soluções que pudessem usar da melhor forma possível esse contingente de mão de obra. A concentração e mecanização da terra continuavam e a situação de nossos boias-frias não melhorava. Diante de tal situação, e não vendo futuro digno para esses, reunimos os vereadores para discutir o assunto. O Sr. Lourenil Vieira, que era vereador na época, propôs que se visitasse o Vale do Itajaí [...] também se organizou outras comitivas para visitar o parque industrial de Toledo – PR e várias cidades do Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul, informando que a possibilidade de alguns deles vir a abrir uma unidade industrial em nosso município era quase nula [...] aproveitei para chamar a atenção de que muitas famílias amperenses haviam ganhado dinheiro com a exploração da madeira, mas que não tinham investido aqui no município, mas sim nos Estados de Mato Grosso e Rondônia. Dessas famílias estavam presentes representantes de algumas delas e, dentre eles o Sr. Gilberto Simonetto (falecido em 2013), que reconheceu o que eu falava, concordou que sua família havia investido em Rondônia, mas que se o município desse algum tipo de incentivo, a primeira a instalar uma nova indústria, seria sua família. Restava agora o compromisso a ser cumprido por parte do município, que seria de início a compra de um terreno que servisse a tal finalidade. Após a análise de diversas áreas no entorno da cidade [...] sendo confirmada a negociação de 120.000 m<sup>2</sup> e a compra registrada em cartório no dia 10 de abril de 1987 (REICHERT; CHICHOSKI; RECH, 2015, p. 21-22).

Como explicou Corrêa (1970a), a economia do Sudoeste era pouco integrada com a economia nacional em meados do século XX, afirmação válida para Ampére, inclusive. Esse



cenário começa a mudar, por exemplo, pela via da industrialização, sobretudo a partir dos anos 1990 com o aumento da importância do setor neste município, crescimento dos estabelecimentos e interação das principais empresas com mercados anteriormente não alcançados, atingindo também outros países.

[...] foi nos anos 1990 e 2000 se transformando em um centro especializado na produção industrial de móveis e confecções. Deste modo, a cidade se inseriu em diversas relações que dão conta da aquisição de matérias-primas, fluxos de mão de obra, produção, distribuição da produção que alcançam todos os Estados brasileiros e uma pequena parte da produção é encaminhada para o mercado externo, não nos esquecendo, ainda que, tais relações produzem fluxos de todas as ordens, sobretudo financeiros, responsáveis, principalmente, por manter a dinâmica econômica do centro urbano (CASARIL e SAMPAIO, 2016, p. 227).

Paradoxalmente às políticas econômicas e industriais que guiaram os rumos nacionais na década de 1990<sup>7</sup>, dada a dimensão complexa e diversa da economia política brasileira, alguns estados e municípios empreenderam esforços buscando o seu desenvolvimento local, este é o caso de Ampére-PR, que exatamente no início desse período decidiu politicamente incentivar o desenvolvimento de pequenas indústrias. A confluência dos esforços municipais com o ímpeto iniciativo local produziu o surgimento de várias indústrias.

Os fenômenos históricos não emergem naturalmente, são provocados por forças sociais que lhe põem em movimento. As crises têm um papel central nesse contexto, uma vez que podem ocasionar mudanças na dinâmica geoeconômica local/regional/nacional. “O processo de industrialização em Ampére -PR não foi um processo natural. [...] houve uma presença significativa do poder público municipal em viabilizar os industriários” (REICHERT, CHICHOSKI E RECH, 2015, p.15).

Os incentivos para a industrialização em Ampére já ocorriam desde 1990, ano em que foram promulgadas duas leis concedendo apoio para a industrialização, o que mostra o interesse político à época em promover tal setor no município.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> “A melhor política industrial é não ter política industrial”. Essa afirmação proferida por Pedro Malan, ex. Presidente do Banco Central do Brasil e ex. Ministro da Fazenda nos governos Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), expressa bem o caminho que o país tomou nesse período.

<sup>8</sup> O primeiro barracão industrial (de 1.440 m<sup>2</sup>) construído pela prefeitura foi cedido em comodato para a empresa Aicone Ltda (hoje Krindges S/A) em 1990, na área comprada pelo município em 1987 (Bairro Industrial I). O prefeito na época, Flávio Penso (PDT – 1989 a 1992), também procurou Gilberto Simonetto (Grupo Simosul Ltda), viabilizando a construção do segundo barracão industrial, de 496 m<sup>2</sup> localizado no mesmo bairro onde foi instalado também um barracão em regime de comodato para a empresa GhelPlus Ltda. Mais tarde, em 1995, por conta da limitação territorial do primeiro bairro, a prefeitura criou o Bairro Industrial II com a instalação da Gaam Ltda, que da mesma forma, obteve em comodato uma área construída de 1.500 m<sup>2</sup>. A Empresa Movelmarmar Ltda também recebeu incentivos do



Lei nº 490/90. Art. 1º - Fica o executivo municipal autorizado a edificar em terrenos do município construções com objetivo de abrigar investimentos industriais. Art. 2º - As construções referidas no artigo anterior serão cedidas às indústrias em sistema de comodato com prazo mínimo de dez anos estabelecido pelo Executivo Municipal e acordo com a atividade, número de empregos, valor em impostos a recolher ou outros critérios que se julgar necessário, podendo inclusive o contrato ser renovado por igual período. Lei Nº 522/90. Art. 9º - As indústrias a se instalarem no bairro industrial terão como benefício, além dos previstos no artigo anterior: I - Isenção de impostos municipais por tempo não superior a 10 (dez) anos, independentemente do número de empregos; II - Tamanho da área e localização de acordo com a classificação de atividade a desenvolver, levando-se em conta o número de empregos e o volume de produção prevista; III - Área suficiente para a construção de investimento inicial, para ampliações de previsão futura e para movimentação de veículos em carga ou descarga; IV - A posse do domínio definitivos do terreno, após 05 (cinco) anos de efetivo funcionamento industrial, podendo, inclusive, aliená-lo, permutá-lo por qualquer outra forma legal, desde que sejam respeitadas as atividades industriais, e sem prejuízo à vizinhança e ao meio-ambiente (AMPÉRE, 1990).

Entretanto, as políticas implementadas em Ampére não se configuram como políticas industriais stricto sensu, mas incentivos fiscais concedidos para a indústria, o que não deixa de ter importância, pois tais incentivos geram uma certa vantagem competitiva para essas empresas, "porque evitam que os empresários tenham que investir improdutivamente, comprando ou alugando a terra" (FLORES, 2009, p. 148).

Assim, verifica-se que o município concede estrutura inicial para essas empresas, já que o terreno e o barracão, obviamente, são imprescindíveis. Portanto, dispensa ao capitalista realizar um investimento improdutivo, e até em alguns casos viabiliza o próprio empreendimento, considerando que os empresários "eram inicialmente capitalistas sem capital" (MAMIGONIAN, 1976, p. 91-92), isto quer dizer, "no sentido de que tinham espírito de iniciativa mais ou menos desenvolvido, mas quase nenhum recurso financeiro" (MAMIGONIAN, 1965, p. 404).

Entrevistas realizadas por Reichert; Chichoski; Rech (2015) com industriais no município de Ampére corroboram com nossa argumentação. De acordo com essa fonte de pesquisa, boa parte empresários das indústrias mais relevantes reconhecem o papel do município no desenvolvimento de seus empreendimentos<sup>9</sup>.

---

município, instalando-se no bairro Industrial II. Julio Cesar Fiorello (Móveis Fiorello Ltda) considera o apoio municipal fundamental para seu empreendimento (REICHERT; CHICHOSKI; RECH, 2015).

<sup>9</sup> Por exemplo, além do terreno de 15 mil m<sup>2</sup> cedido pelo município, a Móveis Fiorello financiou 60% do seu maquinário com recursos disponibilizados pelo BNDES e 60% da estrutura física pelo Estado do Paraná. Julio Cesar Fiorello afirma que "Isso favoreceu o crescimento. Se dependesse apenas de recursos próprios não teria sido possível. Foram esses recursos dos municípios e governo através do BNDES que viabilizou os empreendimentos" (REICHERT; CHICHOSKI; RECH, 2015, p. 44).



Esse exemplo de Ampére não se trata de nenhuma novidade política a respeito da relação entre iniciativa privada e poder público, essa combinação é intrínseca ao próprio modo de produção capitalista. A história de desenvolvimento dos países mostra que o papel desempenhado pelos governos na promoção de empresas ou setores é fundamental, especialmente no início.

Os incentivos públicos para o setor produtivo verificados em Ampére, a despeito do panorama nacional desfavorável, mostram que é possível antes das unidades da federação e os municípios, embora com menos capacidade financeira, incentivar a industrialização. Além disso, Ampére foi um dos pioneiros nesse tipo de política na região Sudoeste, conforme relatou Leocir Marafon (JORNAL DE BELTRÃO, 2010), o que ajuda entender o maior desenvolvimento do setor em relação a outros municípios de porte semelhante.

Em meio a essas políticas, surgiram concomitantemente iniciativas industriais importantes, criando uma classe de pequenos e médios empresários, alguns que mais tarde se tornariam relevantes industriais nos segmentos específicos que atuam.

Dentre as iniciativas privadas, destaque para a família Krindges (1977), Família Simonetto (1987), Pedro Rodrigues da Silva e Dair Sabedot em 1990 com a Indústria de Pias GhelPlus Ltda; de Vianir Angonese em 1994 instalando a Notável Móveis; novamente Pedro Rodrigues da Silva, com a abertura da Gaam Indústria e Comércio de Móveis em 1995 e da Grilazer Espetos e Grelhas Ltda (1999). Também cabe destacar a Móveis Dacheri Ltda (1997), iniciativa de Clóvis Dacheri e Antonio Dacheri, entre outras.

## **Considerações finais**

Os fenômenos históricos se manifestam e evoluem singularmente nos diferentes contextos geográficos, daí a importância de analisar essas particularidades locais, sem perder de vista como se relacionam com os processos mais gerais. *A investigação do fenômeno local conduz necessariamente ao diálogo com a totalidade na qual ele nasce e evolui.*

Verificou-se que a combinação de incentivos públicos com as iniciativas industriais privadas constitui o fator explicativo para o rápido e importante desenvolvimento da manufatura em Ampére e de modo geral na própria mesorregião Sudoeste Paranaense. Esse setor hoje é fundamental para o desenvolvimento dessa região, responsável por empregar parte relevante dos trabalhadores.

O período compreendido marca a transição em Ampére de uma economia baseada na agricultura para uma economia manufatureira, ou seja, a industrialização modificou a estrutura



produtiva, e à medida que foi avançando complexificou as relações geoeconômicas e espaciais do município.

Em decorrência do desenvolvimento industrial, a economia de Ampére passa a inserir-se em relações produtivas, financeiras e comerciais anteriormente inexistentes, como circulação de mercadorias interligadas aos setores de produção de móveis, pias e cubas em aço inox e confecções do vestuário, que alcançam todo o Brasil e alguns países atualmente.

Percebemos que no Capitalismo, Estado e setor privado são imbricados, não existe separação entre eles. Agora, também é verdade que é o Estado que cria as condições concretas e toma as primeiras iniciativas que possibilitam o desenvolvimento e a atividade privada, como foi exemplificado no texto a partir de uma região do Paraná

Discutir o desenvolvimento regional é imprescindível para que se conheça a diversidade da realidade brasileira, podendo assim formular políticas econômicas e industriais específicas que atendam às necessidades de cada região com suas características próprias. Para isso um projeto nacional precisa ser levado a cabo, pois a solução dos impasses locais/regionais passa pela questão nacional.

## Referências

AMPÉRE. Prefeitura Municipal. Disponível em <http://www.ampere.pr.gov.br/>, acesso em 15/05/2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF.

BRESSER-PEREIRA, Luiz. C. **A construção Política do Brasil**: sociedade, economia e Estado desde a independência. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 831-851, dez. 2012.

CANO, Wilson. (Des) Industrialização e (Sub) Desenvolvimento. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, pp. 139-174, jul-dez. 2014.

CASARIL, Carlos. C. **A Dinâmica da Rede Urbana de Francisco Beltrão – Paraná**. 2014. 454f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC, 2014.

CASARIL, Carlos. C; SAMPAIO, Fernando. S. A inserção da cidade pequena de Ampére – PR na rede urbana a partir da dinâmica industrial. **RA'EGA**, Curitiba, v.37, p. 227-254, agosto/2016.

CASARIL, Carlos. C. Formação Sócio-Espacial Sudoeste Paranaense. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16019, 2017.



CORRÊA, Roberto. L. O sudoeste paranaense antes da colonização. **RBG**, v.32, n.1, p. 87-98, jan./mar. 1970a.

CORRÊA, Roberto. L. Cidade e região no sudoeste Paranaense. **RBG**, v.32, n.2, p. 03-154, jan./mar. 1970b.

CORRÊA, Roberto. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

CHANG, Ha-Joon. O Brasil está experimentando uma das maiores desindustrializações da história da economia. **El País**, São Paulo, 15 jan. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/economia/1515177346\\_780498.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/economia/1515177346_780498.html) Acesso em: 21/01/2020.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, **Boletim Geográfico**. Nº 179, p. 139-145, Rio de Janeiro, 1964.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, **Boletim Geográfico**. Nº 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.

FLORES, Edson. L. **Industrialização e Desenvolvimento do Sudoeste do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unioeste. Francisco Beltrão, p. 226. 2009.

FRESCA, Tania. M. Centros Locais e Pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, número especial, p. 75-81, dez, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censos demográficos 1970, 1980, 1991 e 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de Influências das Cidades: 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de Influências das Cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IPEA Data. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 20/12/2020.

JORNAL DE BELTRÃO. Ampere: um modelo de industrialização entre os pequenos municípios. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 29/05/2010. Disponível em: <https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/50811/ampere-um-modelo-de-industrializacao-entre-os-pequenos-municipios>. Acesso em: 12/08/2020.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**. Pág. 63 – Julho - Setembro de 1965.

MAMIGONIAN, Armen. O Processo de Industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. Nº 50, março de 1976.



MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

OREIRO, José. Luis; FEIJÓ, Carmem. A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118), pp. 219-232, abril-junho/2010.

REICHERT, Inácio.; RECH, Rogério.; CHICHOSKI, Ivandro. O. **Visionários da Industrialização de Ampére – PR**. Ampére: Jornal de Beltrão, 2015.

SINVESPAR. Sindicato Das Indústrias Do Vestuário Do Sudoeste Do Paraná. **APL de confecção do Sudoeste do Paraná**. Sudoeste do Paraná: SINVESPAR, 2006.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 54. São Paulo, junho, 1977.